

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 107

Data: 05.10.74 Pg.: 11

# No ataque dos índios, um morto e 5 desaparecidos

Do Correspondente  
e da Sucursal

Um morto, dois feridos e cinco desaparecidos foi o resultado do ataque dos índios atroaris aos oito funcionários da Funai lotados no subposto do Alalau, em Roraima, na quarta-feira. O corpo de Fausto da Cruz Soares chegou ontem à noite a Manaus juntamente com Esmeraldo Michel Neto, ferido por uma flechada no ombro e já internado no hospital Getúlio Vargas. O segundo ferido, Adão Vasconcelos, só chegou a Manaus às 22 horas de ontem.

Esmeraldo Neto disse no hospital que mais ou menos às 8 horas de quarta-feira saiu do posto para caçar em companhia de três índios atroaris. Quando estavam longe, eles o atacaram. Esmeraldo não soube explicar as razões do ataque, mas ressaltou a malícia dos índios em afastá-lo do posto, onde ficaram Evaristo Batista, Adão Vasconcelos (índio capturado, ferido) e Odoncilégio dos Santos. Os sertanistas João Dionísio, Paulo Ramos e Luiz Pereira, que não estavam no posto, continuam desaparecidos. Até ontem à noite, procurados nas matas, não haviam sido encontrados.

Essas informações fornecidas em Manaus e Brasília foram passadas pelo sertanista Gilberto Pinto, enviado à área desde 1968 encarregado da pacificação dos índios, que conserva duas grandes famílias de acordo com o linguista Ro-

bin Solly, do Summer Institute, nada se sabe sobre a língua dos atroaris — que a Funai diz ser um dialeto do tronco caribe — e a isso ele acredita o insucesso das tentativas de pacificação.

Atualmente, eles estão insatisfeitos com a passagem da

rodovia por sua reserva de 1.527.700 hectares. As máquinas e o desmatamento assustaram a caça, obrigando-os a comer macaco, carne só aproveitada como último recurso. Além disso, uma ponte erguida sobre o Santo Antônio do Abonari impede que eles desçam até

o rio para pescar, como sempre fizeram.

### No passado, o erro

Os waimiri-atroaris, em contato com os brancos desde o século XVII, já massacraram 14 expedições oficiais, num total de 51 pessoas, incluindo-se en-

tre os mortos o padre João Caleri e seus seis colaboradores, em 1968, e três empregados da Funai, em janeiro do ano passado. Ontem, em Manaus, o sobrevivente a este ataque, Raimundo, comentava que os índios se tornam agressivos nos períodos de lua cheia, quando

fazem festas e bebem o caxiri, uma espécie de cachaça.

Oficiais do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército, que abrem a rodovia Manaus-Caracará, contudo, afirmam que os índios não são agressivos. Frequentemente aparecem nos acampamentos e

consta que passearam de trailer e no avião de um pastor protestante. Contudo, constituem um total de 2 mil índios espalhados por 13 aldeias.

As relações dos waimiri-atroaris com os brancos não têm sido muito boas. Em 1943, o então Serviço de Proteção aos

Índios vendia a seringueiros, castanheiros e aventureiros autorizações para explorarem o território ocupado pelos índios. Nessa mesma época, a penitenciária do Pará soltava na região do Alalau grupos de ladrões e criminosos, que instigavam os índios contra os brancos.